MULHERES QUE AO DESVIAR DAS CATEGORIAS FIXAS ENSINAM A RE-PENSAR GÊNERO E A RE-COMPOR UM PROJETO CIVILIZATÓRIO DESDE O CHÃO DOS TERRITÓRIOS

WOMEN WHO, BY DEVIATION FROM THE FIXED CATEGORIES, TEACH TO RETHINK GENDER AND TO RE-COMPOSE A CIVILIZATION PROJECT FROM THE GROUNDS OF THE TERRITORIES

MUJERES QUE, DESVIÁNDOSE DE LAS CATEGORÍAS FIJAS, ENSEÑAN A REPENSAR EL GÉNERO Y A RECOMPONER UN PROYECTO DE CIVILIZACIÓN DESDE LOS SUELOS DE LOS TERRITORIOS

Patrícia Gonçalves Pereira [1]

Resumo
O presente ensaio é tecido a partir das experiências vividas em um território negro, na cidade de Porto Alegre. Não se trata de mobilizar lentes de gênero externas à comunidade para extrair delas conclusões totalizantes. Trata-se de ir percebendo, com cuidado, como se dão, em território quilombola, os combates em que as mulheres são aquelas que se levantam para lutar. Faremos isso, sobretudo, a partir dos diários de campo da autora, estabelecendo um recorte entre o período de 2017 e 2018[2]. A proposta é mobilizar alguns excertos desses diários de campo atraídos pela chamada deste dossiê e ir tecendo reflexões em aliança com novas parcerias teóricas. Percebe-se a reconstituição de narrativas sobre mulheres quando se criam estratégias para que suas vozes ecoem revelando outro projeto civilizatório.
Palavras-Chave: Quilombos-urbanos; mulheres; projeto-civilizatório

Abstract
This essay is woven from the experiences lived in a black territory in the city of Porto Alegre. It is not a question of mobilizing gender lenses strange to the community to

[1] Doutoranda, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, UFRGS, pgpbio8@gmail.com

[2] O teor central contido neste artigo é fruto do esforço acadêmico-político empreendido na dissertação de mestrado: "O Quilombo dos Machado e a pedagogia da ginga: deslocamentos em busca da vida" (PATRÍCIA PEREIRA, 2019). Escrever a partir daí é também uma tentativa de fazer com que as experiências da vida acadêmica, rendam mais. Compreendendo que sempre é possível revisitar o pensamento, permitindo novas flexões das dobras conceituais propostas pelas pessoas que escrevem a vida com seus corpos a partir dos territórios. A atuação da autora se mantém, na atualidade, junto ao território, no caráter político e acadêmico. Neste artigo, conto com a atenção especial da professora coorientadora Pâmela Marconatto Marques, através da leitura, discussões e reflexões importantes acerca da temática que nos envolve. A professora também acompanha as mulheres da comunidade nos pontos relacionados à educação e saúde. Utilizo o plural e singular para localizar momentos dessas discussões, no entanto, entendo que todo o pensamento é fruto da coletividade.

draw totalizing from them. It is, rather, about following, with care, the fights in quilombola territory in which women are the ones who stand up to fight. We will do this, above all, from the field diaries of the, establishing a time period between 2017 and 2018. The proposal is to mobilize some excerpts from these field diaries attracted by the call for this dossier and to build reflections in alliance with new theoretical partnerships. The reconstitution of narratives about women is perceived when strategies are created so that their voices echo, revealing another civilizing project.
Key words: Urban-Quilombos; women; civilization-project

Resumen
Este ensayo está tejido a partir de experiencias vividas en un territorio negro, en la ciudad de Porto Alegre. No se trata de movilizar lentes de género ajenas a la comunidad para sacar de ellas conclusiones totalizadoras. Se trata, más bien, de darse cuenta, con cuidado, de cómo, en territorio quilombola, se están produciendo los combates en los que las mujeres son las que se ponen de pie para luchar. Lo haremos, sobre todo, a partir de los diarios de campo de la autora, estableciendo un corte entre el período 2017 y 2018. La propuesta es movilizar algunos extractos de estos diarios de campo atraídos por la convocatoria de este dossier y seguir tejiendo reflexiones en alianza con nuevas parejas teóricas. La reconstitución de narrativas sobre las mujeres se percibe cuando se crean estrategias para que sus voces resuenen, revelando otro proyecto civilizador.
Palabras clave: Quilombos urbanos; mujeres; proyecto de civilización

INTRODUÇÃO

Há quem diga que não se vive apenas uma crise sanitária e econômica, principalmente num país onde se denuncia a condição da não democracia de fato. Essa constatação tem origem na problemática étnico-racial, que hierarquiza e segrega a sociedade brasileira, escondida em meio ao *mito da democracia racial* (Nilma Lino GOMES, 2005)[3]. A pesquisadora Kota Mulanji (2021)[4] propõe que o nosso problema social é muito anterior ao atual período caótico que estamos atravessando. Para ela, o que vivemos é uma crise civilizatória e, também, comunicacional. A crise civilizatória foi deflagrada desde o início da colonização das Américas e as problemáticas comunicacionais da atualidade se estabeleceram desde então.

[3] Seguimos a perspectiva de "análise sociológica" proposta por Nilma Lino Gomes (2005,p.55), Professora Emérita e ex-Ministra, que "vê o mito com um sentido ideológico, ou seja, como uma narrativa construída com a intenção de falsear uma dada realidade", que nega o fato que, no Brasil, existam desigualdades sociais em função do racismo. Sinalizamos como perceptível e vigoroso o esforço de intelectuais ligadas/os aos movimentos sociais, em organizar contribuições teóricas potentes para romper com esta compreensão, amplamente difundida desde a sistematização de Gilberto Freyre, a partir de 1930. Vide NILMA GOMES (2005, p.56-59).

[4] Kota Mulanji (Regina Nogueira), médica e presidente do Fórum Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos de Matriz Africana (Fonsanpotma).

Não é difícil compreendermos os elementos que compõem essa análise, se pensarmos que culturas distintas, com modos de vida próprios, precisam criar estratégias para se comunicar e realizar seus acordos. No entanto, isso só ocorre se não há um processo de hierarquização pré-estabelecido e se não há uma intencionalidade de domínio de uma cultura sobre a outra. Quando elementos de uma suposta superioridade estão estabelecidos, as gerações que vivenciam o contato/confronto convivem com o estado de guerra que se instala e as gerações futuras, miscigenadas, carregarão os traumas, as marcas e viverão os diferentes estados de guerra que seguirão se propagando.

Isso porque o intuito conquistador permanece entre os herdeiros do pensamento colonizador, via relação opressor-oprimido, interagindo através do espaço-tempo como se seguissem a flecha do desenvolvimento infinito, onde é preciso conquistar territórios, transformar vida em produto, vender e acumular dinheiro para comprar mercadorias. Outras lógicas relacionais são desconsideradas pela cultura dominante, pois se determina que: o que é *diferente do projeto ocidental-branco* não possui *condições civilizatórias à altura de garantir a vida e seus modos de fluir.* Nesse sentido, doentiamente segue-se destruindo o mundo.

Em trabalho desenvolvido junto aos territórios em (r)existência, a partir de referenciais negros/afro-indígenas, na cidade de Porto Alegre, percebemos que os quilombos urbanos oferecem outras possibilidades de relação com o espaço-tempo, *outro projeto civilizatório* via tramas comunitárias que sustentam estes territórios, enfrentando diversos desafios.

No âmbito das disputas de narrativas, existem tentativas de universalizar as nossas distintas experiências, padronizando as possibilidades de resolução dos nossos conflitos. No entanto, se compreende que estes modelos padronizantes seguem uma lógica fabril e mercantilizadora da vida, que não está implicada, necessariamente, com a gestação do planeta, onde vivemos e morremos. Suas ações demonstram muito mais comprometimento com a geração de desenvolvimento infinito – e, portanto, não só extra-humano, mas extraterrestre, como já sinalizou Krenak (2020). Trazemos esta provocação por meio do convite à leitura e escuta de algumas singularidades mobilizadas pelo campo desta pesquisa - o que não é uma tarefa fácil - mas traz grande potencial aglutinador. Percebendo possibilidades de revisão da crise civilizatória, olhando ao nosso redor para que comecemos a nos entender e nos

comunicar com outras estratégias existentes. Assim, fazemos um convite ao "*nós"* que deseja estar junto.

O quilombo dos Machado, território que cria as condições de emergência deste trabalho, enfrenta, na justiça, uma disputa territorial-civilizatória contra a corporação Walmart[5], na capital mais segregada do Brasil[6]. As mulheres desse território vivenciam desafios complexos, tramando, mais do que lutas por direitos, redes de combate e defesa da vida, onde se faz vencer a relação comunitária diante de projetos de morte impostos pelo progresso colonial capitalista-civilizatório. Elas, que nunca param de suspeitar das promessas de "vida melhor" oferecidas pelo capital e seus agentes, muitas vezes são categorizadas e fixadas em estereótipos sociais determinados pelo olhar do outro, que ora as considera selvagens/ indomáveis/ rebeldes, ora dóceis/ ingênuas/ ignorantes, carentes/pobres/famintas. No imaginário social hegemônico, estes corpos não ocupam lugar de produtoras de conhecimento, de solucionadoras de conflitos, de elaboradoras da vida.

Para conduzir nossas reflexões, destacamos ainda que, enquanto a Sociologia foi criada, como disciplina, para analisar as questões emergentes das sociedades europeias, a Antropologia foi inventada para analisar as sociedades de um *outro* alegórico, primitivo, alvo do projeto de desenvolvimento do conquistador europeu. Não pretendemos estabelecer alianças com nenhuma das duas formas do fazer-pesquisador, preferimos estabelecê-las com as formas de pensar a vida que estas mulheres compartilham conosco, uma ciência do pensar-com e de maneira implicada, aos moldes do que vem propondo Tim Ingold (2015) e Leyva Solano & Shannon Speed (2018).

Nesse caminho, buscamos novas alianças com o legado da incontornável intelectual brasileira Lélia Gonzalez. Para ela, é a partir das diferentes realidades, geopoliticamente localizadas, que se experimenta e produz contribuições específicas para a consolidação de um mundo resultante do processo de colonização. Segundo a autora:

> Assumindo a nossa Amefricanidade, podemos ultrapassar uma visão idealizada, imaginária ou mitificada da África e, ao mesmo tempo, voltar

[5] Para compreender o conflito recomendamos a leitura da dissertação "O Quilombo dos Machado e Pedagogia da Ginga: deslocamentos em busca da vida" (PEREIRA, 2019).

[6] Porto Alegre é a capital mais segregada do Brasil segundo o Mapa Racial do Brasil de MIRIANI *et all.* 2015. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/especial/2015/12/16/O-que-o-mapa-racial-do-Brasil-revela-sobre-a-segrega%C3%A7%C3%A3o-no-pa%C3%ADs>. Acesso em: 24 de jul. 2020.

> nosso olhar para a realidade em que vivem todos os americanos do continente. (GONZALEZ, 2020a, p.136).

Assim, nos encaminhamos para as consolidações necessárias a um mundo livre de opressões. Estas contribuições são evidenciadas nas resistências históricas de indígenas, africanos e seus descendentes, abarcando os frutos da miscigenação, que constituem o território americano. Lélia Gonzalez compreendia que havia possibilidades de se enfrentar os impactos da colonização, tendo em vista a capacidade de reinvenção a partir da fratura provocada por este evento, que podemos afirmar contínuo ao longo da nossa história. O que mais nos chama a atenção na elaboração dessa intelectual é a importância dada por ela à necessidade de valorizarmos a comunicação entre nós, para superar nossos problemas comuns. Para a autora: “A dureza dos sistemas fez com que a comunidade negra se unisse e lutasse, em diferentes níveis, contra todas as formas de opressão racista” (GONZALEZ, 2020a, p. 132). É com este anúncio que seguimos para os desdobramentos pulsantes das estratégias de defesa das mulheres do Quilombo dos Machado. No corpo deste trabalho, apresentaremos fagulhas de experiências vivenciadas com elas, nuances de suas biografias, selecionadas por sua potência em fazer vê-las como incontornáveis agentes políticas em chave comunitária.

COMUNICAÇÃO: PALAVRAS, CONTEXTOS E GINGA[7]

A primeira experiência a ser compartilhada foi vivenciada durante uma roda de conversa proposta às mulheres do Quilombo dos Machado sobre as dinâmicas do patriarcado em suas vidas. Durante essa vivência, usei a seleção de fotos pesquisadas sobre a comunidade para estimular as recordações e entender melhor como elas se viam nos espaços de disputa. Arenas que se erguiam, por vezes, nas ruas no entorno da comunidade, por vezes nas ruas centrais de Porto Alegre, e, outras, dentro de estabelecimentos de instituições públicas. Em alguns destes espaços institucionais, enfrentavam diretamente o Estado, colocando seus corpos no combate sem intermediários, como no caso da ocupação que fizeram no Departamento Municipal de Água e Esgoto (DMAE), quando houve a recusa do fornecimento de água para as famílias da comunidade. Noutros, enfrentavam seus

[7] A partir deste item traremos a narrativa em primeira pessoa, pois se tratam dos excertos da dissertação de mestrado da primeira autora, com algumas reflexões atuais.

oponentes do setor privado em parcerias provisórias e estratégicas com os magistrados.

Em minha pesquisa, buscava, junto a elas, entender estes complexos cenários, no qual os corpos-saberes destas mulheres em luta se posicionavam sempre como transgressores por sua incontornabilidade, pois eram vistas como aquelas que violam as “regras da normalidade”. Isso porque “não é normal” que “mulheres de bem” estejam em quaisquer que sejam os espaços acima citados, atrapalhando os seus fluxos habituais de funcionamento. Todavia, para além deste entendimento, também buscava a compreensão de como elas vivenciavam as manifestações do poder patriarcal no dia a dia, já que estas questões não estavam tão evidentes para mim e sentia que havia a necessidade de um momento exclusivo para falarmos sobre isso.

Figura 1 – Mulheres em luta durante as Manifestações de 2013.

Fonte: Acervo Frente Quilombola RS

Figura 2 – Mulheres e crianças da comunidade.

Fonte: Acervo Frente Quilombola RS

Figura 3 – Protesto na Av. Sertório contra a Ordem de Despejo.

Fonte: Acervo Frente Quilombola RS

Figura 4 – Comunidade na Audiência de Reintegração de Posse em 2013.

Fonte: Acervo da comunidade

Figura 5 – Lideranças em mesa de negociação na Audiência de Reintegração de Posse em 2013.

Fonte: Acervo da comunidade. Eliane, Jamaica (lideranças comunitárias), Onir Araújo (advogado), representação do INCRA, empresários e advogados de acusação. Fonte: Acervo da comunidade

Eu esperava escutar algumas delas se pronunciarem mais a partir de certas perguntas disparadoras. Esperava que elas comentassem sobre como sentem e vivenciam situações de imposição de poder/vantagem masculina, por exemplo: sobre as dificuldades de ter que criar seus filhos muitas vezes sem os companheiros, os momentos das manifestações em espaços públicos, os momentos de discursar e as situações de alcoolismo (se houvesse). Conhecendo a potência de cada um dos

atores do território, não esperava e nem desejava atiçar dissidências. Como bem afirma Houria Boutedja (2016), sabemos, sujeitas coloniais que somos, que as ressonâncias do patriarcado colonial nos territórios não brancos são responsáveis por boa parte das tensões vividas pelas famílias. Ao mesmo tempo, e, também, com Houria, não ignoro o papel dessas mulheres na construção das condições de um amor revolucionário. Um sentimento capaz de dar conta, de suportar e de investir contra essas ressonâncias espúrias, de criar condições para que elas sejam vistas, processadas, para que tenham destino ético, dentro dos territórios, tendo sempre em vista horizontes de "suficiente harmonia", como menciona Lorena Cabnal (2010).

Contudo, como orienta Angela Davis, para que isso fosse possível eu precisava me permitir as surpresas, torná-las produtivas, e não ficar presa a formas de controle e categorias para reafirmar os resultados esperados, o que é inclusive entediante, de acordo com Davis (2018, p. 98). Silvia Cusicanqui (2017) também fortalece este pensamento, nos estimulando a interpretar as situações e contextos sem incorrer em rigidez conceitual imutável. Entendo a impossibilidade de compromissos eternos, porque há circunstâncias que precisam de flexibilidade para sua resolução.

Agora proponho uma desaceleração para dar conta do modo como a Preta me impressionou durante a conversa. Ela é a mais nova entre os três irmãos da família Machado, com seus 35 anos de idade. Foi mãe solteira, assim como muitas mulheres da periferia. Hoje, tem um pequeno estabelecimento comercial na comunidade, uma lancheria digna dos melhores lanches que já comi em Porto Alegre, a melhor porção de fritas certamente, e os preços extremamente justos. Além de tocar a lancheria junto ao seu atual companheiro, dividindo todo trabalho interno, ela faz tele-entrega de lanches e em alguns dias da semana é diarista, "trabalha na faxina nas casas dos ricos" como elas falam na comunidade. Não esquecendo de toda a organização e do trabalho doméstico que desenvolve em sua casa, com o qual colabora a sua filha Maiara, que está com 12 anos. Preta trabalha desde cedo, já passou por muitas experiências empregatícias, a maior parte delas como empregada doméstica informal, sem garantias dos direitos trabalhistas, outra realidade extremamente comum às pessoas trabalhadoras das periferias. Como foi mãe solteira, contou muito com a rede familiar para a criação de sua filha, afilhada também dos tios Rodrede e Jamaica.

A caçula dos irmãos Machado não falou muito durante o momento da discussão em grupo. Cheguei a fazer perguntas direcionadas especificamente a ela, perguntei sobre as dificuldades de ser mãe solteira, se ela havia passado por alguma,

e ela me respondeu: “Não, o relacionamento não deu certo[...]. Criei a Maiara sozinha, os guris [Rodrede e Jamaica] sempre me ajudaram. Nunca parei de trabalhar” (PRETA, 2018)[8]. Lembrei, por um momento, de uma das recordações de Preta do seu tempo de escola, quando era atacada por colegas que a chamavam de “negra” e outras expressões moduladas no sentido pejorativo, fazendo provocações; ela recebera instruções de sua mãe, a Mia[9], para revidar sempre que isso acontecesse. Portanto, ela brigava com seus colegas, não aceitando as formas violentas de racismo. Preta sofria retaliações institucionais, seus colegas não. Ela chegou a repetir o ano por ser “brigona”, seus colegas não. Mas o que a escola não soube ensinar a Preta, ela já havia aprendido em casa, na família. Conseguiu apoio com os seus para superar e aprender a dançar com os desafios da vida. Ela soube dar a negativa[10], protegeu-se de forma essencial, manteve sempre fortes os vínculos com os familiares e com os vizinhos de sua confiança. Enfrenta a vida gingando, atuando em muitas frentes, para dar conta das demandas cotidianas. Tem uma beleza encantadora que alia força e determinação à sabedoria de só se expor quando julga necessário. De modo algum propomos uma visão romântica, focalizando na superação e não responsabilizando uma estrutura social opressora que catalisa racismo e patriarcado contra estas mulheres. Preta nos traz um ensinamento vigoroso: a recusa em assumir uma postura de mártir, a recusa em identificar-se assim, de agir no mundo a partir deste lugar. E não me refiro aqui à superação, a empoderamento, me refiro a não se deixar fixar no acontecimento, a promover movimento, a afirmar a vida com tudo que ela porta. De assim poder (re)criar para si uma narrativa de vida potente.

Emergiu durante a roda de conversas uma reclamação das mulheres, identificando que precisam de uma escola de educação infantil para deixar seus filhos enquanto trabalham em suas faxinas como diaristas, ou enquanto vão atrás de outros tipos de trabalho, como os que assinam a carteira. Existem escolas infantis nas redondezas, mas são insuficientes para as demandas da comunidade, geralmente não têm vagas disponíveis. Foi relatado por elas que a Creche Comunitária Joana D’Arc, na Vila Respeito (atual Minuano), não aceitava as crianças do quilombo. O responsável pela creche dizia: “se é do quilombo não tem vaga”. Este mesmo

[8] Notas diálogos do campo realizado em 2018.
[9] Matriarca da família Machado, já falecida.
[10] Metaforicamente remete ao movimento de defesa na capoeira, conceito discutido em dissertação de mestrado da autora.

responsável manteve práticas ilícitas na gestão deste estabelecimento, acumulando dívidas que a creche não conseguiu quitar. A comunidade da Vila Respeito[11] fez um abaixo-assinado, trazendo essas e outras reclamações contra a sua gestão e o destituiu do cargo, em 2017.

Vivendo nesta sociedade capitalista em espaços urbanos, onde os direitos básicos para manter a vida são garantidos pela troca de capital/dinheiro, cada vez mais mães, pais, responsáveis no geral, precisam realizar seus ofícios longe de seus filhos e filhas. Deslizando aqui de Marx, já que nessa lógica bastaria que as mães do quilombo, ou "alguém", pagasse pelo cuidado das crianças na creche para resolver essa situação, mas há algo além. Chegamos ao ponto cego do marxismo: o modo como a raça se atravessa nas relações intermediadas por "dinheiro" e as interdita. Em uma sociedade racista, os corpos fenotipicamente marcados serão sempre marginalizáveis, independentemente de suas condições econômicas. É fato que nem Estado, nem rede capitalista levam a sério e suprem as demandas das pessoas que trabalham no setor formal ou informal e precisam de um espaço seguro que promova educação e um bom convívio para as crianças e adolescentes. Espaços comprometidos com uma educação antirracista, é claro. No entanto, enquanto a promessa de "transformação social e econômica" se distancia ainda mais da realidade de certos grupos, sigo surpreendida com a simplicidade e eficiência que elas me revelaram ao darem conta dessas demandas. Não parando por aqui, a ginga delas consegue sempre ir mais longe. Nesse caso da deposição do dirigente da escola, é possível ver mulheres em luta – não somente as mães - pelo direito à educação das crianças da comunidade. Não parece razoável, aqui, admitir que se trate de uma demanda de gênero, mas talvez seja possível dizer que esse foi o caso de um combate em que as mulheres foram aquelas que se levantaram para lutar.

"NÓS FALAMOS ASSIM... E VOCÊS FALAM DIFÍCIL"

Durante a roda de conversas, Karina, irmã mais velha de Tamy, ao observar a foto onde ela está com o microfone, explica como fora a situação durante o protesto,

[11] Comunidade referência que é lindeira à área do Quilombo dos Machado, considerada mãe do quilombo, nesta comunidade vivem vários parentes das famílias que se auto identificam enquanto quilombolas. Compreenda a relação de envolvimento das duas comunidades em: "O Quilombo dos Machado e a pedagogia da ginga: deslocamentos em busca da vida" (PEREIRA, 2019)

que organizaram na frente do BIG/Walmart no cruzamento da Av. Sertório com as ruas Dona Alzira e Interna do BIG. Abro um parêntese aqui para destacar que esta roda foi realizada num dia frio de inverno, no qual as risadas, o mate e o chegar mais perto, fragmentos constitutivos daquele momento, foram recordados por mim ao escutar o áudio, enquanto me ocorria que eles se fizeram essenciais para aquecer o encontro, fechando o parêntese. Foi em meio a risadas que Karina falou sobre o momento da foto; perguntei a ela o que dizia, se tivera vergonha de falar ao microfone, ao que ela respondeu: "vergonha de quê? [...] eu só disse que eles [os policiais] deviam botar a mão na consciência deles e ficar do nosso lado, a gente também trabalha e entende eles quando fazem greve" (KARINA, 2018)[12]. Elas riam e faziam comentários sobre como lembravam daquele dia, perguntei, então, caso o protesto fosse no centro da cidade, se elas se sentiriam à vontade para fazer suas reivindicações ao microfone. Elas imediatamente mudaram a expressão e prontamente responderam, quase que em coro, "claro que não". Falaram que "no meio dos estudantes a gente ia parecer umas burras". Tamy me explicou:

> Muitas pessoas apoiam a luta da comunidade, muitas de partidos diferentes que ficam brigando ao invés de se unir, porque afinal a luta é uma só [...]. Se a gente vai lá e fala alguma coisa que um não gosta, pode estar ajudando mais um que o outro, então nem falamos. (TAMY, 2018)[13]

Depois de me explicar a relação complexa na qual a comunidade está envolvida no cenário com minuciosas "disputas por direitos", ela completou: "vocês falam difícil, ficam usando outras palavras". Ao escutar isso, Paula, a mãe do primeiro bebê do ano de 2018 do estado do RS – o José – me exemplificou "por exemplo, de 100% que o advogado fala, eu entendo 60%", as demais concordaram. No diálogo, me coloquei dizendo que eu também sentia dificuldades de falar, que era um processo, mas mal completara a fala e elas disseram "não, tu também fala assim, também usa essas palavras aí, difíceis". Seguimos falando sobre o racismo, patriarcado e de como nós, do movimento social e da universidade, aprendemos com elas. Eu senti que precisava de tempo para lidar com todas as informações que não cabiam nas caixinhas do que eu conhecia até o momento sobre feminismo, território, linguagens, comunicação, (r)existência e as construções políticas estruturantes dos saberes. Havia

[12] Notas diálogos do campo realizado em 2018.
[13] Notas diálogos do campo realizado em 2018.

conhecimentos importantes ali, produzidos pela luta, conhecimentos capazes de definir cenários favoráveis, cenários em que a fala pode emergir sem censuras e sem risco de rebaixamento. Rebaixamento este, que fique bem posto, produzido por efeito da fala de aliados. Há um “escutar falar” posto aqui. Um “saber quando falar” para que as palavras possam manter sua potência e sua dignidade.

Figura 6 – Paralisação da Av. Sertório contra remoção da comunidade

Fonte: Acervo Frente Quilombola RS. Jamaica, Karina e Kátia (lideranças comunitárias).

Me deparei com um saber altamente complexo e filosófico, que serve à possibilidade de manutenção da vida no território, sendo mobilizado contextualmente, que eu erroneamente acreditava que se dava por uma “subalternidade do saber”, baixa autoestima. Demorei para digerir essas informações. Reforço que decodificar estes códigos e organizações de pensamentos me exigira muito tempo, todavia, este tempo contribuiu para reforçar o deslocamento aqui necessário. Eu precisava quebrar a caixa onde pretendia alocar a comunidade, precisava romper de vez com as categorias fixas construídas com palavras difíceis que julgam e determinam vidas alheias, que são cerceadoras e limitadas, capazes de confundir, de produzir mal-entendido. Falas que não conseguem comunicar e tentam sempre impor algo. Precisava ver a comunidade que se derramava diante dos meus olhos de tanto sobrar por não caber ali, não caber onde as normas tentam forjar categorias. A comunidade quer chão, quer terra. Ao vazar, escapa da caixa, buscando o solo onde planta o quilombo ao seu modo, com as suas singularidades, com as suas regras. O saber

refinado destas mulheres, que se reconfiguram em suas redes familiares, que interpretam falas difíceis e partilham com os demais, que percebem os riscos e medem consequências de falar em determinados lugares e que enfrentam os perigos dos espaços onde seus pés estão habituados a pisar, me encorajou a quebrar a caixa.

A ginga[14] que percebemos nas habilidades das mulheres também é a força corporal/territorial do Quilombo dos Machado. Tamy tem 29 anos de idade, esta mulher guerreira, mãe que defende com unhas e dentes junto a outras mães e pais, uma vida boa de ser vivida para seu filho e os filhos da comunidade, está ciente dos riscos da vida que leva. Tamy é jovem e, mesmo não sendo negra, por suas relacionalidades – no limite, ela é mãe de um filho negro -, experimenta as realidades compartilhadas por viver em um território negro. Já passou por diversas experiências da crueldade deste sistema opressor. Sistema que cria o inimigo comum do Estado e o personifica, espacial, corporal e temporalmente nas periferias. Diferentemente de sua cunhada, a Preta, a falta de melanina e das outras marcas fenotípicas negras de Tamy lhe dá a opção de experimentar uma vida não negra diante do Estado, de garantir os privilégios de uma vida branca. No entanto, os vínculos afetivos a fazem ficar e agir como potente integrante na luta antirracista. Na sua caminhada, encontrou Jamaica, nas aulas de capoeira, ambos são da mesma região e participavam do mesmo projeto social, onde Jamaica já era instrutor. A união deles já dura 17 anos, tendo um fruto belíssimo, o filho Lukinhas, que segundo eles, precisa saber o que é ser negro desde cedo para sobreviver.

Tamy, junto às outras mulheres da comunidade, organiza as festas, campanhas de arrecadação de alimentos, roupas, material escolar e presentes de Natal, não só para os que moram no quilombo, mas para todos dos arredores que precisarem. Junto às famílias da comunidade, desenvolve uma rede de cuidados das crianças para que os responsáveis possam sair para trabalhar. Agenda e organiza as atividades dos grupos aliados, como universidade, movimento social e, também, as agendas necessárias com o INCRA. É responsável pela biblioteca comunitária do quilombo, compartilhando o cuidado desta com o grupo de jovens evangélicos da comunidade. Além de manter o olhar atento aos compromissos religiosos do terreiro

[14] Conceito mobilizado aqui a partir do referencial proposto pelo pensamento capoeirístico organizado por Mestre Pastinha, sistematizado por Mestra Janja (ARAÚJO,2004) encontra-se muita afinidade deste pensamento com o que vivenciado no Quilombo dos Machado, mas estamos cientes que há muitas formas capoeirísticas de experienciar o mundo e recriar a vida.

de Umbanda, que sua família e outros membros do quilombo frequentam. Se multiplica como pode para estar presente em algumas aulas de capoeira para auxiliar e treinar junto às crianças. Equilibra todo este trabalho à sua agenda de prestação de serviços domésticos, as faxinas, no setor informal. Somado a isso, dá conta de outros "bicos" como a venda de sorvetes, sacolés, geladinhos.

Acredito muito mais na força da humanidade, na sua persistência e criatividade quando percebo estas singularidades. Ela já sofreu diversas humilhações da polícia em diversas ocasiões. Esta mulher é impedida de visitar sua avó materna e sua mãe porque estas moram em áreas que o setor do comércio informal de substâncias psicoativas domina e, segundo a própria família, "Tamy fala demais". Ela briga para que seu filho e as demais crianças da comunidade sejam respeitadas e não sofram violências por sua cor de pele, por seu local de origem; batalha cotidianamente para que a fome não seja uma realidade para as crianças do quilombo. Como ela briga e sorri? Esta era uma questão que me despertava atenção. Seu corpo entra e sai de ruelas, comunica, tem os pés ágeis, a voz alta, ecoam longe seus gritos, as crianças têm verdadeiro amor por ela. Gentilmente, Tamy reconhece que não faz nada sozinha: "Aqui funciona assim, eu só chamo, vejo os contatos que precisamos fazer, aviso um, aviso outro. A gente se divide e cada um faz uma coisa, se o pessoal não pega junto a gente não faz nada " (TAMY, 2018)[15]. Reconhecemos aqui, a habilidade fecunda e imprescindível de criar aglomerações.

Essas mulheres nos encantam, gingando em meio a tantos desafios como bailarinas equilibristas, ou melhor, capoeiristas das mais graciosas. Como diz a cantiga cantada nas rodas "a capoeira é defesa e ataque, é ginga no corpo, é malandragem", assim elas defendem e atacam, tem ginga no corpo e malandragem. Compreendem que é preciso lutar; batalhar no dia a dia para garantir o básico às suas famílias. Elas entendem que há disputas dentro dos movimentos sociais e nos espaços acadêmicos, que muitas vezes são mais destrutivas do que aquelas promovidas pelos adversários[16] da comunidade. Na percepção delas, essas disputas são destrutivas por não promoverem a união estratégica contra um mal maior. As mulheres do quilombo também compreendem que há um movimento que é coletivo,

[15] Notas diálogos do campo realizado em 2018.

[16] Por exemplo, o conglomerado formado pela Corporação Walmart, Real Empreendimentos, e o dono da revenda de carros senhor Xavier (lindeiro utilizado como laranja nesse processo), acompanhe mais informações em: "O Quilombo dos Machado e a pedagogia da ginga: deslocamentos em busca da vida" (PEREIRA, 2019).

comunitário, onde as responsabilidades são compartilhadas pelos jeitos e espaços de atuação de cada sujeito.

Sobretudo, as mulheres da comunidade, que pude acompanhar mais de perto, têm o potencial realizador. Suas atuações, muitas vezes mais vinculadas a ambientes domésticos, são elementares para o desenvolvimento de quaisquer outras funções de caráter mais público, estabelecendo uma relação dual, complementar. Com isso, a divisão por gênero não assume lugar de despotencialização e tampouco de rebaixamento, mas, sim, da qualificada divisão de trabalho própria dos mutirões na comunidade. Assim, como há a avaliação de como transgredir as regras em cada espaço, evitando exposições consideradas por elas desnecessárias, que possam prejudicar o grupo, primando pelo andamento da disputa territorial. Desse modo, colocam concretude às problematizações junto aos companheiros, sabem da importância que estar conectada ao território carrega para as suas vidas e para a vida de suas filhas e filhos. Elas defendem seus direitos coletivos como guerreiras. É perceptível nestas mulheres a corporificação da sabedoria, do amor e da valentia em nome da vida. As formas singulares com as quais elas dão conta de suas vidas, corporificando a estratégia de (r)existência diante dos contextos que lhes negam direitos básicos, garantidos a outros humanos, me surpreendeu.

O grupo de discussão apresentado não saiu bem conforme o planejado. A falsa ilusão de que podemos controlar tudo por termos planejamento nos acompanha insistentemente. A ginga auxilia a ter flexibilidade para jogar com as contradições que não condizem muito com os marcos teóricos. Entendi que grandes teorias, como as que dimensionam os maiores problemas sociais a partir de questões socioeconômicas, definidas pelas classes sociais, ignoram as dimensões de raça, gênero e o que acontece na intersecção das multifacetas da vida, considerando protagonismos territorialmente referenciados.

Acompanhando as teóricas do pensamento feminista negro, como Lélia Gonzalez (2019 b) e Kimberley Crenschaw (2002, apud Carla AKOTIRENE), esta última estabelece o conceito interseccionalidade relacionado aos efeitos das intensidades interseccionadas pelo sistema opressor colonizador. Muitas vezes, estudiosos apressados para finalizar grandes interpretações eliminam as percepções, as contradições e as estratégias como as conduzidas pelas mulheres do Quilombo

dos Machado, pois estas “seriam singulares demais”[17] para serem incorporadas a chaves de leituras que tratam as questões econômicas. A interseccionalidade e a experiência junto às mulheres da comunidade auxiliaram a compreender que, como temos o pensamento colonizado, entramos facilmente numa lógica de pensar e classificar o mundo em categorias, enquanto a vida acontece tanto no que sobra, extravasando os limites das caixas categóricas.

[17] Em uma mesa que participei, junto a um professor de renome que estuda a temática da mercantilização da terra, não tivemos êxito em estabelecer relações entre a temática quilombos urbanos - a partir das estratégias da comunidade - e a mercantilização da terra no Brasil, porque o professor não conseguiu estabelecer sequer um ponto de comunicação entre as contribuições das estratégias da comunidade e os conflitos socioeconômicos que deflagram as desigualdades brasileiras diante do mercado internacional de terras. Ao contrário, disse que se tratava de algo muito localizado e que a macroeconomia estava distante destes conflitos.

CAÇANDO ESTEREÓTIPOS QUE REVELAM ELEMENTOS DA PADRONIZAÇÃO DAS MULHERES[18]

Figura 7. Frontispício do atlas *Theatrum Orbis Terrarum* de Abraham Ortelius.

Fonte: ORTELIUS, Abraham. *Theatrum Orbis Terrarum*. Antuérpia: Gilles Coppens de Diest, 1570. *Apud* DEGGER, 2020, p.51

Após percorrermos as memórias do campo que reflete as trocas com as mulheres do Quilombo dos Machado, nas quais fica perceptível a insubmissão dessas mulheres e suas evidentes estratégias, gingas e desvios que não permitem capturas em conceitos cristalizadores de suas potencialidades, abrimos um recuo para uma breve espiada em uma das narrativas que contribui para imaginários reduzidos e distorcidos das complexidades que constituem os gêneros femininos. Embebidas pela análise de Brenda Yasmin Degger (2020), em sua dissertação de mestrado, convidamos as pessoas que nos leem a observar as imagens da África, América, Ásia

[18] Reflexões atuais

e Europa como mulheres ilustradas no atlas *Theatrum Orbis Terrarum* de Abraham Ortelius em 1570. A representação artística, reveladora de certo imaginário, trazia quatro mulheres imagéticas de cada um dos quatro continentes conhecidos naquele período (século XVI), em torno do título da obra. Elas estavam envoltas por elementos que diferenciavam os respectivos continentes, na concepção do pensamento europeu, induzindo a leitura de quem observa a obra.

Sendo assim, escapando da linearidade organizativa, que tenderia a apresentar a imagem das quatros mulheres representativas do olhar europeu sobre o mundo conhecido, como abre alas desse desta reflexão, deixando-a de forma aparentemente deslocada, mas afirmamos que é aqui que ela deve aparecer, para destacar as tentativas insistentes de captura e cristalização ainda presentes na atualidade.

A ideia de que a escrita pode ser um importante elemento da conquista de um território, do domínio cultural de um povo, foi proposta por Michel de Certeau ao conceituar a "escrita conquistadora" (1982). A pesquisadora Brenda Degger resgata essa compreensão de Certeau para descrever a ação dos europeus que utilizam o Novo Mundo como "uma página em branco (selvagem) para nela escrever o querer ocidental" (2020, p.18). Essa é uma chave de leitura interessante para interpretações atuais da colonização e ocidentalização do mundo. Onde o europeu, autorizado a falar desde seus marcos históricos, ao realizar intervenções nas culturas asiáticas, africanas e americanas, se autorizou a descrever as histórias desses povos distintos, a partir das lentes europeias, com os mitos fundadores europeus[19].

Essa escrita conquistadora que visualizava o continente americano como uma tábula rasa[20], o descrevendo como uma página em branco aberta a ser preenchida com a narrativa e pelos sonhos europeus[21], aberta à exploração do ouro, das matas, uma fonte infindável de recursos, revelam na concepção do autor o processo de: colonizar os corpos por meio de discursos do poder.

[19] Na tradição da mitologia clássica, a Europa era uma ninfa que fora raptada pelo deus Zeus disfarçado como um touro e esta era uma forma comum de representar o continente. As demais partes do mundo também possuíam nomes de mulheres. Cesare Ripa escreve que a Ásia era, assim como a Europa, uma ninfa, filha de Tétis e Oceano. O nome América foi primeiramente utilizado para designar o continente por Martin Waldseemüller em seu mapa Universalis Cosmographia de 1507 na explicação do qual o cartógrafo afirma que, seguindo a tradição dos continentes terem nomes femininos, o novo continente deveria se chamar América em homenagem a Américo Vespúcio. (DEGGER, 2020,p.49)

[20] CERTEAU, 1982, p.12

[21] DEGGER, 2020, p.48

Acompanhando a arte/símbolo do poder colonizador via cartografia do mundo com a ilustração desses arquétipos das quatro mulheres e as impressões da pesquisadora Degger (2020), percebe-se o quão significativo foi representar a América, enquanto uma mulher nua, exposta, encontrando similaridade à exposição africana, ambas despossuídas das tecnologias comparáveis ao modelo de asiático e europeu, com as mulheres vestidas, civilizadas. A representação da clava junto à indígena, que representaria a América, é "uma referência à belicosidade dos nativos e, também, ao costume de ingerir carne humana"[22], *identificando a canibal/incivilizada*, deflagrando o distanciamento cultural entre os povos subalternos americanos, que estaria mais próximo aos, também, subalternos africanos. A Europa, representa o símbolo do poder, ornada, coroada, enquanto a América está "literalmente aos pés da Europa"[23]

Ainda em relação ao imaginário europeu, no sentido de descrever o que seria a "América", recorrendo aos seus mitos fundadores, associa-se o continente Americano à Deusa Artemis, selvagem, virgem, caçadora, que auxilia nos ritos de passagem como partos, na passagem dos jovens à vida adulta, orienta os *homens* nos momentos de guerra[24]. Com estas associações, a América ocupa um lugar anterior ao status de desenvolvimento em comparação à Europa, como se o Novo Mundo estivesse relacionado à certa infantilidade ao ser contraposto à maturidade do mundo europeu.

De acordo com Lélia Gonzalez, seguindo duas categorias do pensamento lacaniano, "intimamente articuladas, as categorias de *infantis* e de *sujeito suposto saber* nos levam à questão da alienação" (GONZALEZ, 2020a. p.141), na qual o primeiro não tem condições de falar por si e é narrado pelo outro. O contato colonial impôs inúmeras situações reveladoras de seus princípios, inclusive a não autorização da participação ativa de mulheres na elaboração do mundo. Inspiradas pelas relações estabelecidas por Lélia Gonzalez, ao constatar que sim, o patriarcado e o capitalismo

[22] Assim, em relação à narrativa visual, a primeira imagem antropomórfica da América ressalta a selvageria, pela nudez e antropofagia, e o distanciamento entre o Velho e o Novo Mundo. (DEGGER, 2020. p. 52)

[23] O distanciamento é realizado por meio da **oposição entre as personificações dos dois continentes**. A Europa está no topo cercada por símbolos de poder, cetro e coroa, sentada em um trono e vestida enquanto a América está parcialmente deitada ao fim da página, literalmente abaixo e aos pés da Europa[...]. (DEGGER, 2020. p. 52, Grifos nossos)

[24] DEGGER, 2020. p. 71, 72 e 73.

imperialista nos subjugam enquanto mulheres *ladinas*[25]*,* e intensificam a perversidade do modelo exploratório por meio do racismo, nesse sentido, mulheres negras e indígenas da *Améfrica Ladina*, parafraseando Lélia, estariam, como nas imagens recuperadas da ilustração do Frontispício do atlas *Theatrum Orbis Terrarum* de Abraham Ortelius, desnudas, com poucas ou nenhuma produção intelectual, tecnológica, abaixo ou prostradas diante do poder imperialista europeu - que na atualidade pode ser compreendido como imperialismo colonizador civilizatório do Norte Global.

A simbologia ilustrada nessa pintura revela o olhar europeu, mas a nossa intenção não é manter as imagens das mulheres presas à essa pintura, e, sim, enfatizar as orientações astutas e generosas das mulheres do Quilombo dos Machado. Estas que ao desviar dessas categorias a partir da genuinidade de suas estratégias (re)criadoras de vidas possíveis, nos ensinam a re-pensar gênero. A relação comunitária, territorial, sustentada por ações protagonizadas por essas mulheres, envolve elementos constitutivos de um projeto civilizatório que pensa e vive o *mundo com o outro* e não *excluindo o outro.* Desse modo, elas alimentam a lógica do pensar-com. Talvez, a nós, caiba a opção de aceitar participar dessa partilha, nos alimentarmos disso, para juntas descolonizarmos nossos pensamentos e embarcarmos em apostas civilizatórias, contra-colonizadoras. Ou a opção de negar nossos protagonismos e seguirmos a ilusão da padronização ocidental, rebaixadora de mundos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre as memórias do campo junto às mulheres do Quilombo dos Machado, nos questionamos quanto a estas representações das mulheres da Améfrica Ladina, mas, também, quanto ao nosso papel enquanto intelectuais em espaços de disputa, reconhecemos o peso e o poder do discurso. Essas mulheres,

[25] O pensamento de Lélia Gonzalez contribui para outras interpretações do encontro racial e seus desdobramentos estabelecidos pela colonização das Américas, irrigado pelo rapto, sequestro, invasão, exploração e saqueamento impostos aos continentes africanos e americanos desde o contato europeu. Segundo a autora, é preciso observar as miscigenações resultantes deste processo, recuperar as importantes contribuições culturais civilizatórias dos povos africanos e dos povos originários se quisermos recontar a história da América Latina, que na visão da autora, devido às contribuições dos povos citados, deveria se chamar Améfrica Ladina. Para maiores e melhores compreensões recomendamos as leituras de “Pensamento Feminista: conceitos fundamentais” e de “Por um feminismo afro-latino-americano”.

que não estão prostradas à espera do conquistador-salvador, nos alertam sobre o perigo das categorizações distorcidas, que se propagam via discursos oficiais, mesmo as benevolentes. Discursos legitimados a falar de si e a inventar o outro a partir da sua perspectiva, dos seus mitos fundadores e de seu projeto civilizatório. Elas sabem que as arenas políticas são espaços-tempos cheios de armadilhas e que é preciso atuar com sentidos vigilantes. Quando Gayatri Spivak (2010) questiona se: "pode o/a subalterno/a falar?", o polêmico "não" de sua resposta não diz respeito às condições de elaboração da vida e da possibilidade de vocalização por sujeitas subalternizadas. Ele está atrelado às condições de possibilidade de uma escuta efetiva por parte do colonizador (não esquecendo que este habita em nós) e, sobretudo, da criação de condições de possibilidade para que a palavra da mulher subalterna possa ser dita sem ser imediatamente envolvida em tramas de rebaixamento e sobrecodificação que afastam suas palavras dos corpos, do chão em que foram gestadas, territórios que seivam seus sentidos.

As contradições que compõe as tramas comunitárias – em um Quilombo que reúne pessoas negras e brancas na Capital mais segregada do País – são experimentadas por essas mulheres, que não se fixam na lógica da exclusão, experimentando composição e transgressão, não se rebaixando às condicionantes teorizadas em categorias distantes de suas contribuições. Elas elaboram a vida a partir das questões urgentes, refletindo sobre os desafios e produzindo resoluções por meio de suas materialidades, tateando relações. Suas indagações coletivas giram em torno de possibilidades de constituição de mundos íntegros, onde arquétipos reais estejam presentes e realizem um esforço para vencer as barreiras do aprisionamento em figuras vazias – seguem comunicantes e criando vínculos para relações mais honestas.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade: uso e comando nas lutas políticas**. Disponível em: https://www.geledes.org.br/ Acesso em: 11 de nov. 2021.

ARAÚJO, Rosângela Costa. **Iê, viva meu mestre**: a Capoeira Angola, da 'escola pastiniana' como práxis educativa. 2004. São Paulo. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2004.

BOUTELDJA, Houria. ***Les blancs, les juifs et nous:*** *vers une politique de l'amor révolutionnaire*. Paris: *La fabrique éditions*, 2016.

CABNAL, Lorena. ***Feminismos diversos:*** *el feminismo comunitario*. ACSUR: *Las segovias*, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2687521. Acesso em: 19 de jun. 2021.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante.** São Paulo: Boitempo, 2018.

DEGGER, Brenda Yasmin. ***Donna di volto terribile*****:** a alegoria da américa e repertórios imagéticos do renascimento. Curitiba. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná - UFPR.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista:** Caminhos Abertos pela lei 10.639. – Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020a.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: ARRUDA, Angela *et al* (org.)*.* **Pensamento feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro. Bazar do Tempo. 2019b.

INGOLD, Tim. **Estar vivo:** ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MIRIANI , Daniel; RONCOLATO, Murilo; DUCROQUET, Simon; TONGLET, Ariel. **Mapa Racial do Brasil de 2015**. Nexo Jornal. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/especial/2015/12/16/O-que-o-mapa-racial-do-Brasil-revela-sobre-a-segrega%C3%A7%C3%A3o-no-pa%C3%ADs>. Acesso em: 24 de jul. 2021.

MULANJI, Kota. **Esquinas Ciclo de Debates - Segurança Alimentar**. UFRGS TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=kM-ZBI8fhsU>. Acesso em: 19 de jun. 2021.

PEREIRA, Patrícia. **O Quilombo dos Machado e a Pedagogia da Ginga:** deslocamentos em busca da vida. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. 2019.

RIVEIRA CUSICANQUI, Silvia **.“Més enllà del dolor i del folklore”. PEI.** MACBA Barcelona Oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cU5ZEIEE0jw>. Acesso em: 05 ago. de 2021.

SOLANO, Xochitl Leyva. Hacia La Investigación Descolonizada: Nuestra Experiencia De Co-Labor. In: SPEED, Shannon *et al.* **Práticas otras de conocimento(s):** Entre crisis, entre guerras. Tomo I. Argentina: CLACSO, 2018, pp. 451–480.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

* Artigo recebido em 8 de agosto de 2021,
aprovado em 12 de novembro de 2021.